

LITERATURA INFANTIL COMO RECURSO REFLEXIVO: diversidade e discriminação a partir de *A terra dos meninos pelados* (1937)

Luciana A. de Miranda ¹
Manuela Azevedo Carvalho ²

RESUMO

A literatura infantil é utilizada como ferramenta profícua de aprendizagem, entre outros aspectos, por seu potencial lúdico e pela possibilidade de autonomia infantil na interação com histórias e personagens. Estimuladora da leitura, da construção de conhecimentos infantis e do pensamento reflexivo, instrumento pedagógico de largo espectro, aplicada em diversas áreas do conhecimento, uma de suas importantes contribuições se dá na facilitação da abordagem e na compreensão de temas que atravessam a vida dos sujeitos infantis, como as emoções e os conflitos interpessoais. Neste artigo, analisamos a obra literária: *A terra dos meninos pelados* (1937), de Graciliano Ramos, com o intuito de compreender como a história pode auxiliar a abordagem, a reflexão e o diálogo acerca da diversidade e do preconceito. São analisadas as fugas empreendidas pelo personagem principal da obra, para lidar com os preconceitos por que passa em sua vida cotidiana, por possuir uma imagem corporal fora de padrões estéticos reproduzidos socialmente, e as discussões que trava com personagens do mundo imaginário em que se refugia. Tal análise teve como intuito construir um fio dialógico voltado ao trabalho didático e lúdico na prevenção e/ou atuação com esse tipo de tensão e embate a que estão sujeitos e são atores crianças em suas relações interpessoais.

Palavras-chave: Literatura infantil, Diversidade e discriminação, Imaginário infantil.

1 INTRODUÇÃO

A ideia de se criar ou se transportar para um mundo fictício, produto da imaginação do protagonista infantil, é um recurso comumente utilizado nos produtos destinados às crianças. Lugares onde tudo pode ser ou acontecer. Obras clássicas, como *O mágico de Oz*, de Lyman Frank Baum, *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll, e *Peter Pan*, de James Matthew Barrie, ilustram bem este aspecto da fantasia. Todas essas obras, além desta característica, também mostram a resolução interna de conflitos e o amadurecimento dos seus personagens como resultado das dinâmicas acontecidas em um mundo imaginário. Com o texto *A terra dos meninos pelados*, de Graciliano Ramos, não é diferente.

A terra dos meninos pelados, foi a primeira obra considerada infantil de Graciliano Ramos, publicada pela primeira vez em 1937, logo após o escritor ter saído da prisão e antes de construir as obras que o levaram a alcançar o status de cânone: *Vidas Secas* (1938) e

¹ Doutoranda em Educação, pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, lumiranda.prof@gmail.com.

² Doutora em Educação, pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, profa.manuelaaac@gmail.com.

Memórias do cárcere (1953). Por *A terra dos meninos pelados*, o autor recebeu o Prêmio de Literatura Infantil do Ministério da Educação, no ano de 1937³.

O texto narra a história de Raimundo, um menino careca e com um olho preto e outro azul, que, por ser considerado estranho e ser motivo de chacota entre os outros meninos de sua vizinhança, mergulha num universo próprio e cria para si um país chamado “Tatipirun”. Nesse país, em que todos os humanos são crianças, todas elas se parecem com ele: possuem um olho de cada cor (azul e preto) e são carecas, ou seja o que seria um mundo ideal em que ele não se sentiria diferente dos outros e, portanto, não seria hostilizado.

Todavia, com o desenrolar da história, nesse mundo criado por Raimundo, ele se dá conta de que lá as diferenças entre as crianças também existem, já que ainda que todas fossem semelhantes a ele nas características físicas que o diferenciavam dos seus vizinhos (a falta de cabelos e as cores dos olhos), muitas outras características o diferenciavam das crianças de Tatipirun, como outras características físicas, tipos de personalidades, hábitos, pontos de vista, crenças e expectativas, por exemplo, de tal modo que, em alguns momentos da narrativa, Raimundo se perceba também como dessemelhante daqueles meninos, vendo-se e sendo visto como “outro”, e precisa lidar com essas diferenças. Ao mesmo tempo em que em Tatipirun o protagonista sente o conforto de não ser imediatamente diferente, percebe que também não é igual. Lidar com as nuances da semelhança e da diferença fundamenta o sentido de alteridade contido em toda trama.

Compreendendo a escola como importante instância de socialização para as crianças e que, reiteradamente, tem sido relacionada como campo privilegiado para a manifestação de preconceitos e bullying, trabalhar com textos como *A terra dos meninos pelados*, que podem promover discussões profícuas sobre diversidade, alteridade e diferença, é lançar mão de um instrumento pedagógico que cumpre tanto o valor estético, quanto o lúdico e social do texto literário, tendo em vista que todas estas esferas não competem, mas se somam na formação das crianças como sujeitos e leitores.

Neste artigo não serão abordadas as formas de se trabalhar com o texto literário na sala de aula, tendo em vista que, além de não ser este o objetivo deste texto, a abordagem escolhida depende do contexto de cada realidade específica. O que será apresentado são alguns pontos sobre a, relativamente frágil, dicotomia acerca da função do texto para crianças, se estético ou pedagógico, e uma leitura panorâmica da obra, em que são apresentadas situações que envolvem diversidade, diferença, preconceito e alteridade.

³ Informação obtida no sítio dedicado ao autor: <https://graciliano.com.br/>.

2 O LUGAR E O CARÁTER DA LITERATURA INFANTIL

Marisa Lajolo (2010) defende que a literatura infantil brasileira, enquanto gênero, a partir das últimas décadas do século XX, tenha se consolidado no campo da literatura e ganhado “o status conferido às belas letras” (LAJOLO, 2010, p. 97). Mas basta uma breve análise dos currículos dos cursos de Letras de algumas das principais universidades públicas do Brasil, seja pelo reconhecimento nacional ou internacional, para perceber que o que se tem é que a Literatura Infantil não consta no currículo obrigatório de nenhuma delas. Quando há o componente curricular, ele é optativo, ou seja, nesta configuração, aproximar-se desse gênero literário depende do desejo pessoal do graduando. Para o estudante de Letras, os efeitos dessa não aproximação podem resultar na dificuldade em termos de linguagem literária, dificuldade de aproximação com o público juvenil (seu principal público), supervalorização do cânone, preconceito literário, dificuldade de comunicação e distanciamento, por exemplo.

Nos cursos de Pedagogia, o cenário é o mesmo, o componente curricular de Literatura Infantil também não costuma figurar entre os obrigatórios desta graduação. Para o pedagogo, com efeito, o texto literário pode ser transformado em mero instrumento pedagógico para a construção de valores no leitor infantil, perdendo assim a dimensão da formação do leitor, do prazer pelo texto, pela linguagem, pela narrativa, tendo-se a valorização da mensagem em detrimento da estética. Esta tem sido uma reiterada preocupação dos pesquisadores que estudam a literatura, entretanto, admitindo que especialmente as crianças estão em processo de formação das suas disposições, hábitos, conhecimento e reconhecimento do mundo que as circunda, e, assim, todo e qualquer objeto, sobretudo aqueles apresentados em ambiente escolar, lócus de formação *stricto sensu*, o são, em alguma, dimensão formativos.

Por outra perspectiva, em um país marcado pela desigualdade de oportunidades, por diferentes heranças de capitais cultural e econômico, em que nem todos tem acesso a livros em casa, sobretudo para as crianças menores e de origem popular, a atuação da escola como mediadora entre a criança e a obra, pode minimizar as dificuldades de algumas crianças com o objeto literário.

Além disso, independentemente da origem social da criança, em um momento histórico em que as telas ocupam parte importante do tempo, inclusive desde a infância, recuperar o interesse dos alunos pelos livros requer estímulo empreendido pela escola. Isso não significa defender a “pedagogização” da obra, mas a mediação.

Para Hansen (2022, p. 263): “A literatura infantil brasileira tem sido um campo de poder disputado por diferentes projetos político-ideológicos desde o seu surgimento”. Pode-se ir além, a literatura, não restrita àquela destinada às crianças, além do seu valor e intencionalidade estética, imprime o pensamento e os valores de uma época, de interesses que vão além do seu próprio campo. Mário de Andrade, em entrevista a Francisco de Assis Barbosa, ilustra a relação da arte com a política, como essas dimensões se intrincam:

Acho que o artista, mesmo que queira, jamais deverá fazer uma arte desinteressada. O artista pode pensar que não serve a ninguém, que só serve à Arte, digamos assim. Aí está o erro, a ilusão. No fundo, o artista está sendo um instrumento nas mãos dos poderosos. O pior é que o artista honesto, na sua ilusão de arte livre, não se dá conta de que está servindo de instrumento, muitas vezes para coisas terríveis (BARBOSA, 1974, p. 10).

Já Barenghi (2019, p. 64): fala sobre as experiências simuladas proporcionadas pela literatura:

uma técnica de “instrução da imaginação” que não serve simplesmente para “comunicar”, mas para fazer viver experiências simuladas. Por meio de uma prática de simulação socialmente compartilhada (portanto, diferente da fantasia individual), o leitor tem a possibilidade de ampliar o conjunto de sua experiência existencial: de clareá-la e enriquecê-la, articulá-la e ampliá-la, adquirindo assim novos instrumentos para enfrentar os desafios da vida real.

Ou seja, as polêmicas que cercam a literatura infantil, podem alcançar a literatura destinada a qualquer público. A criança também é ser histórico e a dimensão estética não dicotomiza com a dimensão social do texto, como para qualquer leitor.

Patrícia Corsino (2017) compreende que o preconceito destinado à literatura enquanto gênero literário tem relações com o preconceito endereçado ao próprio sentido da infância. A literatura é fonte de entretenimento e prazer, a experiência estética, independentemente do leitor à qual se destina, mas também gera aprendizagens, para qualquer leitor, seja adulto ou criança. O contato com a leitura amplia o repertório de conhecimentos e, em alguma medida, proporciona uma experiência de aprendizagem.

Na obra *A terra dos meninos pelados* encontram-se as duas dimensões, um texto repleto de construções imagéticas, escrita apurada e, ao mesmo tempo, com muito potencial para discutir a questão da diferença em sala de aula.

3 DIVERSIDADE, DIFERENÇA, PRECONCEITO E ALTERIDADE EM A TERRA DOS MENINOS PELADOS

A narrativa se inicia com Raimundo que, ao ser zombado por meninos da sua vizinhança, por conta das suas características físicas, não revida as chacotas, se entristece fecha os olhos e “se transporta” para um mundo particular, produto da sua imaginação, a terra de Tatipirun, lugar onde todas as crianças se parecem com ele nas características físicas que o diferenciam dos meninos da sua vizinhança, todas tem um olho azul e o outro preto e são carecas. Sendo tais características, que o destacavam negativamente, o motivo do seu sofrimento, faz sentido que Raimundo crie para si um mundo ideal, em que todos tivessem essas características, um lugar confortável para ele, o país de Tatipirun:

Quando o aperreavam demais, aborrecia-se, fechava o olho esquerdo. E a cara ficava toda escura. Não tendo com quem entender-se, Raimundo Pelado falava só, e os outros pensavam que ele estava malucando. Estava nada! Conversava sozinho e desenhava na calçada coisas maravilhosas do país de Tatipirun, onde não há cabelos e as pessoas têm um olho preto e outro azul (RAMOS, 1939, p. 7).

É comum que nas histórias destinadas às crianças, o mundo paralelo para o qual são transportadas aconteça como fruto da curiosidade, ou como total acaso. Na história de Raimundo isto se dá de forma diferente. Raimundo constrói para si este mundo ideal, ele projeta, inclusive as paisagens através do desenho, uma forma de objetificar o que desejaria. Há de se destacar ainda, na narrativa, que o protagonista é alvo de chacota pelos meninos de sua rua, mas não constrói para si apenas uma nova rua, nem uma cidade, mas um país inteiro, ou seja em mais nenhum lugar e não somente na sua rua o menino se sentiria diferente.

O que se depreende desta primeira imagem criada por Ramos (1939) é que, neste lugar imaginário, ideal, povoado apenas por semelhantes, não haveria conflitos para o protagonista, seria um refúgio para apaziguar nele os sentimentos de diferença, já que todos se pareciam com ele. Entretanto, o que se tem do começo ao fim da narrativa é o protagonista confrontando suas percepções, seu modo de se afetar e de ser afetado e, como resultado, seu processo de amadurecimento.

A primeira personagem que Raimundo Pelado encontra em Tatipirun, por exemplo, é um automóvel com características que fazem dele um ser animado. Este, além de ser o primeiro “ser” (objeto com vida) com quem o menino se relaciona, é o único que tem essa característica (ser um objeto animado) durante a narrativa. Fora o automóvel, todos que ele encontra durante o desenrolar da história, são humanos ou animais.

Vejamos:

Querem ver que isto por aqui já é a serra de Taquaritu? pensou Raimundo.
 — Como é que você sabe? roncou um automóvel perto dele.
 O pequeno voltou-se assustado e quis desviar-se, mas não teve tempo.
 O automóvel estava ali em cima, pega não pega. Era um carro esquisito: em vez de faróis, tinha dois olhos grandes, um azul, outro preto.
 — Estou frito, suspirou o viajante esmorecendo. (RAMOS, 1939, p. 7).

O encontro de Raimundo com o carro animado gera estranheza e desconfiança. O automóvel, descrito por ele como esquisito, tinha ainda características semelhantes às dele. Não fica claro se o que assustou Raimundo foram estas características ou o carro ser um objeto animado, mas o que sobressai do trecho é que ele se assusta por este automóvel ser diferente, de um jeito jamais visto por ele. Raimundo sentiu medo do desconhecido, do que não estava acostumado a ver. Escolher um automóvel tão distinto dos convencionais foi uma forma de introduzir o protagonista, com ênfase na dinâmica da estranheza, diferença, e também da alteridade.

Ao perceber Raimundo com medo, o automóvel reage: “Mas o automóvel piscou o olho preto e animou-o com um riso grosso de buzina: — Deixe de besteira, seu Raimundo. Em Tatipirun nós não atropelamos ninguém.” (RAMOS, 1939, p. 7).

Seguido do encontro com o automóvel, o herói da trama encontra uma laranjeira, que reforça essa ideia de convívio com as diferenças:

Uma laranjeira que estava no meio da estrada afastou-se para deixar a passagem livre e disse toda amável:
 — Faz favor.
 — Não se incomode, agradeceu o pequeno. A senhora é muito educada.
 — Tudo aqui é assim, respondeu a laranjeira.
 — Está se vendo. A propósito, por que é que a senhora não tem espinhos?
 — Em Tatipirun ninguém usa espinhos, bradou a laranjeira ofendida. Como se faz semelhante pergunta a uma planta decente?
 — É que sou de fora, gemeu Raimundo envergonhado. Nunca andei por estas bandas. A senhora me desculpe. Na minha terra os indivíduos de sua família têm espinhos. (RAMOS, 1939, p. 7-8).

Durante toda a narrativa, Raimundo compara a sua terra de origem, que ele nomeia de Cambacará, com o país de Tatipirun e conta para muitos dos que encontra que, em seu país de origem, sentia-se diferente, inferiorizado, magoado pelo que faziam com ele pela diferença. Porém, ao longo do texto, ele também questiona este país fruto da sua idealização. Raimundo percebe que somente suas características físicas não o fazem iguais às crianças de Tatipirun, que possuem tantas características físicas, de personalidade, de experiências e de hábitos que

também os diferenciam. Em Tatipirun, ele é semelhante em alguma medida, mas se percebe e é percebido também como “o outro”:

- Ele veio de Cambacará cheio de idéias extravagantes.
- Perguntas insuportáveis, acrescentou Sira.
- Raimundo observou os quatro cantos, não viu nenhuma construção.
- Está bem, não teimamos. Vocês dormem no mato, como bichos.
- Descansamos à sombra dessas rodas que giram, disse Fringo.
- Debaixo dos discos de eletrola. Sim senhor, bonitas casas. E quando chove?
- Quando chove?
- Sim. Quando vem a água lá de cima, vocês não se ensopam?
- Não acontece isso.
- Raimundo abriu a boca e deu uma pancada na testa:
- Que lugar! Não faz calor nem frio, não há noite, não chove, os paus conversam. Isto é um fim de mundo. (RAMOS, 1939, p. 13).

Neste trecho da história é possível notar Raimundo visto como outro, bem como ele próprio percebendo Tatipirun como estranha, como “fim de mundo”. Ele é inadequado para aquele lugar e o lugar, mesmo tendo sido criado por ele, povoado apenas por crianças com as características físicas que o desqualificam diante dos vizinhos, é também inadequado para ele. Esta ideia o faz pensar sobre as expectativas e sobre as impossibilidades da existência de um mundo ideal, sem conflitos e diferenças, que parece ter sido compreendida por Raimundo quando em diálogo com um dos meninos de Tatipirun, em que ele se manifesta sobre a ideia de todos serem transformados em meninos com sardas do seguinte modo:

- Quer ouvir o meu projeto? segredou o menino sardento.
- Ah! sim. Ia-me esquecendo. Acabe depressa.
- Eu vou principiar. Olhe a minha cara. Está cheia de manchas, não está?
- Para dizer a verdade, está.
- É feia demais assim?
- Não é muito bonita não.
- Também acho. Nem feia nem bonita.
- Vá lá. Nem feia nem bonita. É uma cara.
- É. Uma cara assim assim. Tenho visto nas poças d'água. O meu projeto é este: podíamos obrigar toda a gente a ter manchas no rosto. Não ficava bom?
- Para quê?
- Ficava mais certo, ficava tudo igual.
- Raimundo parou sob um disco de eletrola, recordou os garotos que mangavam dele.
- [...]
- Qual é a sua opinião? perguntou o sardento.
- Raimundo hesitou um minuto:
- Não sei não. Eles caçoam de você por causa da sua cara pintada?
- Não. São muito boas pessoas. Mas se tivessem manchas no rosto, seriam melhores.
- [...]
- Para falar com franqueza, eu acho. Não presta não. Como é que você vai pintar esses meninos todos?
- Ficava mais certo.
- Ficava nada! Eles não deixam.
- Era bom que fosse tudo igual.

— Não senhor, que a gente não é rapadura. (RAMOS, 1939, p. 14).

Tal episódio acontece no capítulo dezesseis, considerando que a história é composta por vinte capítulos, é já na fase final da trama que começam a ser mostradas as mudanças pelas quais passa Raimundo, no que se refere ao modo como ele interpreta as diferenças e o valor da alteridade nas relações. É ele quem explica para o outro menino que “não presta serem todos iguais”, que as pessoas não são “rapadura”.

Raimundo passa de alguém que antes queria todos iguais, a alguém que defende que o mundo é um lugar melhor quando há diversidade. Para tanto, ele precisou se ver como semelhante para depois compreender suas diferenças como especificidades. Brandão (1986, p. 7) sobre este aspecto do reconhecimento, desconhecimento e conhecimento de si, como elementos importantes para a construção das relações de alteridade diz:

O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. [...] O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza. [...] O outro sugere ser decifrado, para que lados mais difíceis de meu eu, do meu mundo, de minha cultura sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu.

Raimundo se percebe diferente neste mundo que idealizou, que criou para si, ou seja, mesmo na semelhança é um ser singular, como todos os outros moradores deste mundo, Tatipirun, são, ainda que, como ele, tenham um olho azul e outro preto e sejam todos carecas. O que o faz perceber que a compreensão destas diferenças pela dialética do que é e o que não se é, não se encerra na imagem imediata que se tem de si. Tal percepção gera nele o amadurecimento. Este amadurecimento se mostra ainda mais evidente no último capítulo, quando ele decide deixar Tatipirun e voltar para casa, como se vê no seguinte trecho:

— Quer dizer que volta para Cambacará, não é? coaxou a rã na beira da poça. —
 Volto, sim senhora. Volto com pena, mas volto.
 — Faz tolice, exclamou o tronco. Onde vai achar companheiros como esses que há por aqui?
 — Não acho não, seu Tronco. Sei perfeitamente que não acho. Mas tenho obrigações, entende? Preciso estudar a minha lição de geografia. Adeus.
 [...] Quero bem a vocês. Vou ensinar o caminho de Tatipirun aos meninos da minha terra, mas talvez eu mesmo me perca e não acerte mais o caminho. Não tornarei a ver a serra que se baixa, o rio que se fecha para a gente passar, as árvores que oferecem frutos aos meninos, as aranhas vermelhas que tecem essas túnicas bonitas. Não

voltarei. Mas pensarei em vocês todos, no Pirengo e no Fringo, no anãozinho e no sardento, na Sira, na Talima, na Caralâmpia. (RAMOS, 1939, p. 19-20).

Raimundo reconhece que, por mais que se sinta confortável em Tatipirun, não pode permanecer lá, precisa voltar para suas “obrigações”, para sua vida exterior. Deixar o lugar imaginário e ideal é voltar para a realidade com todos os seus desafios. Cogita não mais poder voltar para este país imaginário, pois talvez nem saiba o caminho. Esta é uma perfeita metáfora do seu amadurecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto literário possui o valor estético, lúdico e pode contribuir para a construção de imagens mentais e ampliação do repertório para as crianças, essas dimensões, entretanto, não precisam estar apartadas da dimensão social do texto, das possibilidades de discutir sobre temas relevantes para os sujeitos em formação escolar.

Este artigo trouxe uma discussão panorâmica dos aspectos relacionados à diferença e possíveis de serem tratados no texto. Através das experiências do personagem Raimundo, as crianças podem pensar sobre sua forma de estarem no mundo e sobre a forma como são tratadas. Compreender como são múltiplas as características que diferenciam os indivíduos e questionar seus próprios preconceitos e subjetividades.

A alteridade, a identidade e a diferença são apenas algumas possibilidades para se trabalhar com *A terra dos meninos pelados*. Uma leitura mais atenta revelaria outros aspectos possíveis de serem abordados para discutir as relações humanas, como a construção da maturidade mediante conflitos, por exemplo.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Francisco de Assis. **Testamento de Mário de Andrade e outras reportagens**. Rio de Janeiro: MEC; Cadernos de Cultura, 1974.

BARENGHI, Mário. Para que serve a literatura? **Doppiozero**, jun. 2017.

BRANDÃO, CR. **Identidade e Etnia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.



CORSINO, Patrícia. Infância e literatura: entre conceitos, palavras e imagens. In SILVA, M.C., and BERTOLETTI, E.N.M. (Orgs.). **Literatura, leitura e educação**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017.

HANSEN, Patrícia Santos. Nação, infância e seus outros: literatura infantil brasileira do século XIX ao início do XX. **Revista Brasileira de História**, vl. 42, n. 265, p. 263-285, 2022.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAJOLO, M. P.; Literatura infantil brasileira e estudos literários. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, v. 36, p. 97-110, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/elbc/a/4Jd4BDqVFQVQLzNykYnYppQ/#>. Acesso em: 14 out. 2023.

RAMOS, Graciliano. **A terra dos meninos pelados**. Rio de Janeiro: Record, 1939. [Online] LeLivros. Disponível em: https://ddcus.org/pdf/summer_reading/8th_Grade/A%20Terra%20dos%20Meninos%20Pelados%20-%20Graciliano%20Ramos%20-%20BESP%208%20Portuguese.pdf. Acesso em: 08 jul. 2023.